



18.10.2025 - 22.11.2025

opening | inauguração 17.10.2025 - 18h

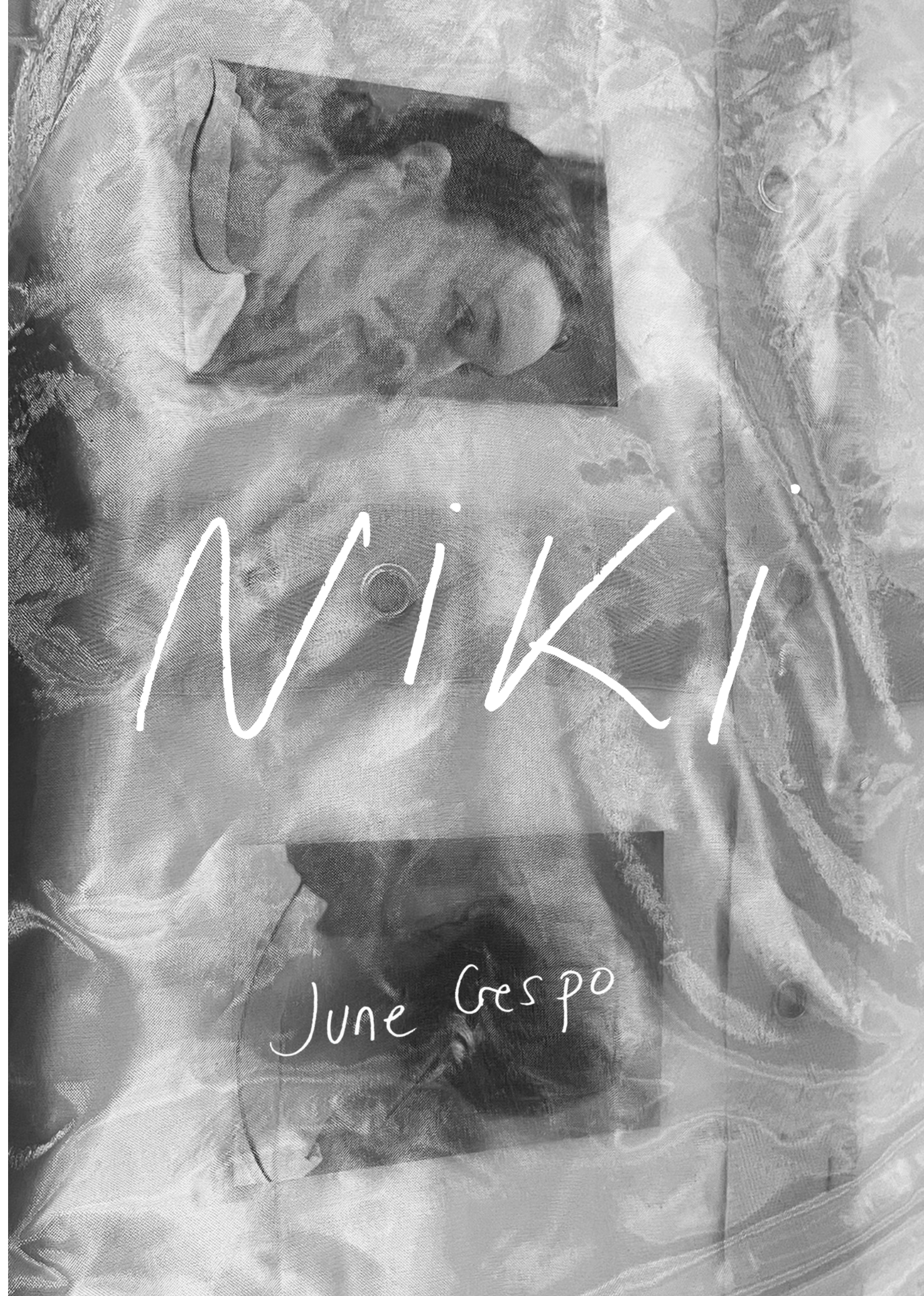


Rua dos Caldeireiros 123
4050-140 Porto
Tel.: (+351)935114157

KULSTHALL
FREI PORT

COM O APOIO

Porto.



It is 2019 when I first meet June – I am a new mother then and feel alien in my own body, perhaps because the body I have lived in for so long no longer feels like my own. I hardly have time to take care of myself, milk is leaking from my breasts and I am lonely like never before. My life has been turned inside out like a piece of clothing that you pull over your head and, with the inside turned outwards, take off. That's how I feel when I meet June for the first time, turned inside out, empty, a fragile vessel, hollow.

At the time, June is giving birth to a new body of work. She is preparing her exhibition *No Osso* (In the Bone) at Uma Certa Falta de Coerência. Her sculptures seem to hold something within - echoes of bodies, of absence, of structures made to hold or contain - and I immediately sense a connection between my situation, my body, the memory of pain or the pain of memory, June herself and her work. Understanding takes place in the inbetween, in the untold. Hollow spaces offer room for such understandings.

Before Junes departure in 2019, she offers me a knitted top - this gesture of care meant more to me than the object itself – I still keep it as a loving memento. Memory appears to be an important aspect in June's work - memory also in the sense of physical remembrance - I am reminded that invisible scars still itch, even if they are covered by beauty with support structures in place.

Fast forward to 2025, a lot has happened since our first encounter. The room that once served as my cave in 2019, my bedroom, has now become the vessel for NIKI. June fills this room with an enlarged photograph of another knitted top, her own, folded and held together with sewing needles – needles that are now as big and deadly as swords. Empty construction tubes and photographs of my former self of 2019 lie across the floor. Looking back, it all makes sense: closure and decision-making also pave the way for new beginnings, like an endless unfolding of inevitable transformations.

Alisa Heil, Porto, 17.10.2025

June Crespo (Pamplona, 1982) is a sculptor living and working in Bilbao. Her work is rooted in a tactile and process-based approach to sculpture, often employing casting, molding, and collage to explore the shifting relationships between form, body, and material. Working intuitively with industrial and organic elements - such as concrete, resin, fabric, and found objects - June reconfigures recognizable forms into ambiguous structures that evoke both intimacy and estrangement. Rather than imposing a fixed narrative, June allows for contingency and chance within the process, incorporating traces of production - cracks, seams, voids - as integral to the final work. In doing so, her sculptures open up spaces for emotional and symbolic projection, oscillating between abstraction and figuration.

June received her BFA from the University of the Basque Country in 2005 and completed a two-year residency at De Ateliers in Amsterdam in 2017. Her recent solo exhibitions include *Danzante* (2025) at Secession, Vienna; *Rose Traction* (2025) at Le Crédac, Ivry-sur-Seine; *Solar* (2025) at Ehrhardt Flórez, Madrid; *Their weft, the grass* (2024) at 1646, The Hague; *Vascular* (2024) at the Guggenheim Museum Bilbao; *They saw their house turn into fields* (2023) at CA2M, Madrid; *Acts of Pulse* (2022) at P420, Bologna; *entre alguien y algo* (2022) at CarrerasMugica, Bilbao; *Am I an Object* (2021) at PA///KT, Amsterdam; *Helmets* (2020) at Artium, Vitoria-Gasteiz; as well as *No Osso* (2019) at A Certain Lack of Coherence in Porto. Her work has also been featured in key group exhibitions, including *L'écorce* (2023) at CRAC Alsace; *The Milk of Dreams* (59th Venice Biennale, 2022); *Fata Morgana* (2022) at Jeu de Paume, Paris; and *The Point of Sculpture* (2021) at Fundación Joan Miró, Barcelona.

Foi em 2019 que conheci a June pela primeira vez – tinha sido mãe recentemente e sentia-me estranha no meu próprio corpo, talvez porque o corpo em que vivi durante tanto tempo já não parecia meu. Mal tenho tempo para cuidar de mim, o leite escorre dos meus seios e sinto-me mais sozinha do que nunca. A minha vida tinha virado do avesso, como uma peça de roupa que se puxa pela cabeça e, com o interior virado para fora, se tira. Era assim que me senti-a quando conheci a June, virada do avesso, vazia, um recipiente frágil, oco.

Na altura, June estava a dar à luz um novo conjunto de obras. Ela estava a preparar a sua exposição *No Osso* (In the Bone) na Uma Certa Falta de Coerência. As suas esculturas parecem conter algo dentro delas — ecos de corpos, de ausência, de estruturas feitas para segurar ou conter — e eu imediatamente sinto uma conexão entre a minha situação, o meu corpo, a memória da dor ou a dor da memória, a própria June e o seu trabalho. A compreensão ocorre no meio, no não dito. Espaços vazios oferecem espaço para tais compreensões.

Antes da partida de June em 2019, ela oferece-me uma blusa de malha - esse gesto de carinho significou mais para mim do que o objeto em si - ainda a guardo como uma lembrança afetuosa. A memória parece ser um aspeto importante no trabalho de June - memória também no sentido de lembrança física - lembro-me de que cicatrizes invisíveis ainda coçam, mesmo que sejam cobertas pela beleza com estruturas de suporte no lugar.

Avançando para 2025, muita coisa aconteceu desde o nosso primeiro encontro. O espaço que serviu como meu refúgio em 2019, o meu quarto, agora tornou-se o receptáculo para NIKI. June enche este quarto com uma fotografia ampliada de outra blusa de malha, a dela, dobrada e presa com agulhas de costura — agulhas que agora são tão grandes e mortais quanto espadas. Tubos de construção vazios e fotografias da minha antiga versão de 2019 estão espalhados pelo chão. Olhando para trás, tudo faz sentido: o encerramento e a tomada de decisões também abrem caminho para novos começos, como um desdobramento infinito de transformações inevitáveis.

Alisa Heil, Porto, 17.10.2025

June Crespo (Pamplona, 1982) é uma escultora que vive e trabalha em Bilbao. O seu trabalho baseia-se numa abordagem tátil e processual da escultura, recorrendo frequentemente à fundição, moldagem e colagem para explorar as relações mutáveis entre forma, corpo e material. Trabalhando intuitivamente com elementos industriais e orgânicos - como betão, resina, tecido e objetos encontrados - June reconfigura formas reconhecíveis em estruturas ambíguas que evocam tanto intimidade como estranheza. Em vez de impor uma narrativa fixa, June permite a contingência e o acaso dentro do processo, incorporando vestígios da produção - rachaduras, costuras, vazios - como parte integrante da obra final. Ao fazer isso, as suas esculturas abrem espaços para projeções emocionais e simbólicas, oscilando entre a abstração e a figuração.

June obteve o seu bacharelato em Belas Artes pela Universidade do País Basco em 2005 e concluiu uma residência de dois anos no De Ateliers, em Amesterdão, em 2017. As suas exposições individuais recentes incluem *Danzante* (2025) na Secession, Viena; *Rose Traction* (2025) no Le Crédac, Ivry-sur-Seine; *Solar* (2025) na Ehrhardt Flórez, Madrid; *Their weft, the grass* (2024) na 1646, Haia; *Vascular* (2024) no Museu Guggenheim Bilbao; *They saw their house turn into fields* (2023) no CA2M, Madrid; *Acts of Pulse* (2022) no P420, Bolonha; *entre alguien y algo* (2022) na CarrerasMugica, Bilbao; *Am I an Object* (2021) na PA///KT, Amesterdão; *Helmets* (2020) no Artium, Vitória-Gasteiz; bem como *No Osso* (2019) na A Certain Lack of Coherence, no Porto. O seu trabalho também foi apresentado em importantes exposições coletivas, incluindo *L'écorce* (2023) no CRAC Alsace; *The Milk of Dreams* (59.ª Bienal de Veneza, 2022); *Fata Morgana* (2022) no Jeu de Paume, Paris; e *The Point of Sculpture* (2021) na Fundación Joan Miró, Barcelona.